ENSINANDO COMUNIDADE: UM ENSAIO TEÓRICO PARA OUTRAS RELAÇÕES POSSÍVEIS

Elisa Angela da Silva SANTOS; Isabella Nascimento de OLIVEIRA; Ana Carolina Biscalquini TALAMONI

UNESP (Universidade Estadual Paulista)

Educação e Movimentos sociais

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

elisa.santos@unesp.br

Resumo

Este trabalho é um ensaio teórico. Ele parte de reflexões consequentes da leitura do livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021), de bell hooks, com o objetivo de explorar o conceito de comunidades educativas para ensaiar outras formas de existir em sociedade. Os resultados apontaram que as comunidades educativas são construções de ambientes repletos de afeto e subversão. Para construí-las, é necessário, sobretudo, o comprometimento, a coragem e o amor - palavra tão utilizada pela autora e que remete à responsabilidade. Todo esse processo, tão íntimo e potente, configura-se como parte de uma longa trajetória em busca de outras formas de viver, ensinar e aprender em sociedade. Formas estas pautadas não na dominação ou exploração do outro, e sim nas relações comunitárias, uma vez que “comunidade” é entendida, segundo a autora, como um universo de coisas boas.

Palavras-chave: Comunidades educativas. Justiça socioambiental. Pedagogia da esperança.

1. Apresentação

Este trabalho é um ensaio teórico que parte de reflexões consequentes da leitura do livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021), de bell hooks. As autoras deste ensaio, inquietas com as desigualdades e comprometidas com a justiça socioambiental, exploraram o conceito de comunidades educativas para ensaiar outros modos de existir, ensinar e aprender em sociedade, para além das salas de aula. Optaram pelo conceito de justiça socioambiental por defenderem a ideia de que não se

separa natureza e sociedade, uma vez que ambos interagem como em um processo metabólico; e citaram o nome de bell hooks sempre em letras minúsculas seguindo a determinação simbólica da própria autora, para que o foco esteja em suas ideias e não em sua pessoa.

2. Introdução

Segundo o dicionário Michaelis (2026, n. p.), a palavra “comunidade” indica “qualidade ou estado daquilo que é comum a diversos indivíduos”. Para Bauman (2003, p. 7), “comunidade” guarda uma sensação para além de seu significado:

> [...] o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa.

Comunidade está relacionada à coletividade, proximidade; exige construção, trocas e, de forma consequente, os laços são criados. A palavra “comunidade” atravessa a questão da territorialidade para chegar ao sentimento de pertencimento, ao viver comum. Em concordância com o que dizem Peruzzo e Volpato (2009), é inegável que “comunidade” remete à solidariedade.

Falar sobre comunidade é lembrar das ideias de bell hooks (1952-2021). Ela, batizada como Gloria Jean Watkins e conhecida pelo nome que adotou em homenagem à sua bisavó, foi uma importante intelectual que estudou e discutiu sobre educação, questões étnico raciais e de gênero. Em seu livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021), ela contou um pouco sobre seu processo de formação acadêmica para discorrer sobre a construção de comunidades educativas.

bell hooks estudou no contexto de segregação racial dos Estados Unidos. Ela reconhece o isolamento negativo causado pelo universo das escolas segregadas, e afirma que apoiá-las, na esperança de serem lugares positivos, seria um gesto de desespero; ao mesmo tempo que assim se refere a essas escolas, é como se ela entrasse em um “quase conflito”, devido a formação positiva que teve lá:

> Escolas negras eram lugares em que nossa autoestima como estudantes negros era afirmada. Isso não porque nossos professores eram negros, mas porque a maioria deles era politicamente consciente do impacto do

> pensamento racista na autoestima negra – e eles escolheram se opor a isso [...] os ativistas negros da luta por direitos civis para dessegregação das escolas não levaram em conta que nossa autoestima como estudantes negros poderia ser afetada ao sermos ensinados por professores racistas (hooks, 2021, p. 70).

Essa formação que bell hooks teve, pautada na afirmação da autoestima de estudantes negros, foi ponto central para a sua experiência como educadora e para o desenvolvimento da ideia de que construir comunidades educativas é o caminho para uma educação libertadora. Nesse tipo de educação, não se reforçam paradigmas de dominação. Não o machismo, o racismo, a alienação do povo, o autoritarismo, o ódio e qualquer forma de preconceito e subalternização. Nesse tipo de educação, descolonizam-se as mentes; é cultivada a solidariedade, o pensamento crítico, a diversidade, o amor, o cuidado consigo mesmo e com os outros.

Nesse sentido, a ideia de comunidade, para bell hooks, tem relação com a esperança e o acolhimento:

> Como uma estudante que chegou à graduação e à pós-graduação por meio dos movimentos radicais por justiça social que abriram um espaço que havia sido fechado, aprendi a agarrar a comunidade onde eu a encontrasse, criando laços a partir de raça, gênero, classe e experiência religiosa para salvar e proteger a parte de mim que queria permanecer em um mundo acadêmico, que queria escolher uma vida intelectual (hooks, 2021, p. 55).

Para hooks (2021), compartilhar histórias é uma forma de nutrir a esperança, especialmente em contextos de violência, opressão e vulnerabilidade. Em tempos de retrocessos sociais, nos quais o dinheiro sobressai à solidariedade, se intensifica a desigualdade socioambiental através do que Freitas e Wenczenovicz (2024) denominaram como a distribuição desigual de renda e de serviços públicos. Essa condição, determinante do racismo ambiental, se materializa nos riscos e discriminações socioambientais destinados a grupos vulnerabilizados em função de raça, etnia e classe social.

A construção de comunidades educativas, nesse contexto, emerge como prática de resistência comprometida com a justiça socioambiental. É prática de resistência porque “resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro” (Bosi, 2000, p. 226); porque em tempos de violência, as comunidades não sucumbem, mesmo diante das mazelas socioambientais, mas se organizam e se opõem a elas. É comprometida com a justiça socioambiental porque viabiliza a construção de outras formas de viver e se relacionar em sociedade, pautadas em uma base comunitária que problematiza e denuncia as desigualdades, propondo ensaios e ações para a resistência e a transformação social.

No contexto de emergência climática, por exemplo, os corpos mais atingidos são bem delimitados, especialmente por questões de raça e classe, em concordância com o que dizem Torres e Maso (2023). São as comunidades tradicionais, as pobres e negras que estão em territórios vulnerabilizados e esmagados pelas relações de poder. O conceito de comunidade possibilita confabular e estimular a construção de outras relações sociais centradas na reprodução da vida e não do capital. De territórios marginalizados a territórios educativos. De áreas de risco a abrigos climáticos. E isso tem relação com a esperança e o amor de que bell hooks tanto fala em sua obra.

2.2. Objetivos

Diante do exposto, o presente ensaio teórico tem por objetivo explorar o conceito de comunidades educativas, a partir da obra de bell hooks, para ensaiar outras formas de viver, ensinar e aprender em sociedade.

3. Caminho metodológico

O presente trabalho seguiu os pressupostos da pesquisa bibliográfica para a leitura e a reflexão da obra “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021), de bell hooks. O exercício de ler e refletir sobre esse conteúdo foi feito por considerar necessárias outras formas de existir, ensinar e resistir, em tempos tão competitivos, individualistas, e carentes de comunidade.

A fim de situar os leitores, a pesquisa bibliográfica é um “estudo teórico elaborado a partir da reflexão pessoal e da análise de documentos escritos” (Salvador, 1986, citado por Lima; Mioto, 2007). Sendo os estudos instrumentos básicos para a construção do conhecimento, como afirmam Pizzani, Silva, Bello e Hayashi (2012), a metodologia referida é indispensável para ensaios teóricos como este.

Seguindo os procedimentos metodológicos, a escolha das narrativas foi feita com base na concepção de mundo das pesquisadoras e na ideia de pesquisa. A fonte primária (obra de bell hooks) e as fontes secundárias (textos complementares que

interpretam ou estão alinhados ao documento primário) foram exploradas e grifadas para subsidiar a redação como um todo.

A última etapa, relacionada à escrita das análises, reflexões e sínteses integradoras, e que encaminha a leitura para as conclusões do trabalho, será apresentada nos tópicos a seguir.

4. Ensaiar esperança: contribuições de bell hooks para criar comunidades

Em sua obra “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança”, bell hooks traz dezesseis ensinamentos: (1) o desejo de aprender: o mundo como sala de aula; (2) um tempo de licença: salas de aulas sem fronteiras; (3) conversa sobre raça e racismo; (4) educação democrática; (5) o que acontece quando pessoas brancas se transformam; (6) padrões; (7) como podemos servir; (8) superando a vergonha; (9) guardiões da esperança: o ensino em comunidades; (10) aprendizado progressista: um valor de família; (11) um diálogo sincero: ensinar com amor; (12) o sexo bom: pedagogia apaixonada; (13) espiritualidade na educação; (14) assim é a nossa vida: ensino sobre a morte; (15) questões espirituais em sala de aula; (16) sabedoria prática.

No livro, a escrita de bell hooks passa pelo amor, morte, medo, preconceito, esperança, e outros temas profundos para explicar que a formação de comunidades exige mesmo a intimidade. Explorando sua experiência pessoal, hooks (2021) conta como teve sua vida transformada pela educação em um contexto de segregação nos Estados Unidos, e vai tecendo ideias que exemplificam o poder revolucionário da educação como prática de liberdade. Esta, como bem destacou Freire (1967, p. 8), é, ao mesmo tempo, “uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se”.

Além de muito inspiradas nas ideias de Paulo Freire, as reflexões de hooks (2021) sobre comunidades educativas partem também de suas experiências pessoais acerca das relações de dominação na sociedade. A autora, que se deparou com portas fechadas por não ter um corpo “socialmente aceito”, aprendeu a se apegar em comunidades conectadas especialmente por questões de raça e gênero. Isso possibilitou, como ela mesma disse, proteção e resistência em relação à supremacia posta. O amor, palavra que tanto aparece em seu livro, é um dos pilares para a

construção de comunidades, justamente por estar atrelado a responsabilidade e ao comprometimento:

> Comecei a pensar sobre a relação entre o amor e a luta pelo fim da dominação, no esforço de entender os elementos que resultaram em movimentos bem-sucedidos por justiça social em nossa nação. Olhando para a luta antirracista pelos direitos civis, um dos mais revolucionários movimentos por justiça social no mundo, ficou evidente que o foco em uma ética do amor foi fator central para o sucesso do movimento (hooks, 2021, p. 116).

Comprometida com abordagens acolhedoras e não dominantes, bell hooks destaca a importância de "considerar o ensino de um ponto de vista voltado a libertar a mente dos estudantes em vez de doutriná-los" (hooks, 2021, p. 19). Sempre contextualizando suas reflexões com suas experiências, ela fala sobre as diferentes maneiras de estar imersa no ensino, inclusive sendo livre para criar e escolher, porque as salas de aulas não têm fronteiras; e foi sua trajetória como educadora, dentro e fora das escolas, que a levou ao encontro com a proposta das comunidades educativas.

Segundo hooks (2021), o que constitui uma comunidade, reafirma-se, é a intimidade. Isso envolve o compartilhamento de sentimentos profundos – bons e ruins – e a confiança como base. Assim, para criar comunidades educativas, é preciso o cuidado e o esforço para a construção das relações, e a incorporação do conceito de educação democrática, para que o conhecimento seja compartilhado para além da sala de aula, desafiando a ideia de que "certas formas de saber são sempre e somente acessíveis à elite" (hooks, 2021, p. 50).

Para bell, a caminhada rumo à construção de comunidades educativas requer a busca por frestas nos sistemas fechados. É nessa busca que a resistência em meio às dificuldades, e a esperança em outras formas de se relacionar são fortalecidas, enfraquecendo a crença de que sistemas dominantes não podem se transformar. Nesse percurso, ressalta-se a importância dos atos comprometidos de cuidado, que demonstram o grande valor da educação: criar condições para a liberdade e não para a dominação.

Ademais, hooks (2021) acrescenta que, para construir comunidades, apenas explicações não bastam, pois as teorias precisam ser aplicadas à vida cotidiana para terem um sentido real:

> Em vez de apenas aceitar que o poder de classe muitas vezes me situa em um mundo onde tenho pouco ou nenhum contato com outras pessoas negras, sobretudo indivíduos de classes desprivilegiadas, eu, como pessoa negra com privilégio de classe, posso ativamente buscar essas relações. Na maioria das vezes, preciso me esforçar para ampliar meu universo social (hooks, 2021, p. 45).

Nesse ponto, bell hooks se mostra como alguém comprometida com a justiça socioambiental. Ela dialoga sobre as desigualdades existentes – especialmente as delimitadas por raça –; sobre a necessidade de desafiar atos de privilégio e de ouvir grupos vulnerabilizados; sobre articular teoria e prática na busca de relações sociais mais harmônicas e solidárias; e sobre resistir ao preconceito, à violência, ao ódio, à opressão, e aos sistemas de dominação que mantêm as desigualdades.

Dessa forma, quando se criam comunidades educativas, cultivam-se valores como o amor, o respeito e a solidariedade. Afirmam-se autoestimas de grupos oprimidos. Cultiva-se o pensamento crítico para contestar e lutar contra as formas de opressão, cultiva-se a saúde mental para cuidar de si e dos outros, e a perspectiva não preconceituosa para viver em harmonia com as diversidades. Descolonizam-se as mentes para as escolhas livres em alternativa ao que costuma dominar:

> [...] o estabelecimento de comunidades de resistência, que por meio do exercício do mutualismo praticam acolhimento e proporcionam pertencimento, é essencial para a sustentação da capacidade de cultivar esperança, afeto e reconhecimento de um sentido comum (hooks, 2021, p. 9).

A construção de comunidades faz parte da luta por justiça porque o sentido de um viver comum não está atrelado a contribuir para que populações vulnerabilizadas sejam mais afetadas pelas mazelas socioambientais. Pelo contrário, construir comunidades educativas é uma prática de resistência, porque insiste que as relações humanas podem ser outras para além das que segregam, causam sofrimento e injustiça. Por esse motivo, se mantém viva a esperança de que falavam Freire (1987) e hooks (2021): não cruzar os braços para esperar, mas desejar fortemente lutar contra as injustiças que esmagam a sociedade.

Para pensar de forma prática, alguns trabalhos (utilizados como fontes secundárias de pesquisa) foram visitados para investigar como as comunidades educativas são discorridas fora da obra de bell hooks.

No trabalho de Frutuoso *et al.* (2023), por exemplo, as autoras relataram suas experiências em um projeto de extensão universitária que as levou a repensar as formas de ensinar. Nesse contexto, considerando os corpos, os territórios e as diferentes realidades ali envolvidas, elas pautaram as dinâmicas dos encontros nas ideias de bell hooks e de Paulo Freire para construírem comunidades educativas, em oposição à cultura dominante de ensino. Frutuoso *et al.* (2023, p. 8) comentaram que, conforme “as urgências do presente atravessavam a todos e por todos podiam ser acolhidas”, emergia o espaço comunitário:

> Foram priorizados os processos dialógicos ao longo do planejamento e execução de todo o módulo e o investimento consciente de tempo/energia para a conformação de relações de confiança, respeito, amorosidade e vincularidade entre a equipe extensionista e entre ela e os estudantes (Frutuoso *et al.*, 2023, p. 8).

As autoras destacaram, também, que “a busca de outros modos de ensinar pressupõe encontrar novos caminhos para aprender” (Frutuoso *et al.*, 2023, p. 9). Nesse percurso, é necessário criatividade, entusiasmo, aceitação da imprevisibilidade, reinterpretação dos processos avaliativos (com devolutivas escritas à mão para discussões coletivas, por exemplo), e acolhimento de pensamentos livres e emoções, ao invés da rigidez do pré planejado, em concordância com o que diz hooks (2021). Para as extensionistas, a experiência de construção de comunidades atravessou as questões de ensino. Elas criaram conexões, compartilharam interesses, angústias e outros sentimentos profundos, e compreenderam que o conhecimento está atrelado às experiências diversas, como afirmava Freire (1996).

No trabalho de Moura *et al.* (2025) é feito um levantamento de práticas escolares inspiradas na pedagogia de bell hooks, buscando entender como elas podem contribuir para a construção de comunidades educativas. Os achados apontaram para reforçar que modos de ensinar e se relacionar mais afetuosos são potentes para construir territórios educativos acolhedores e de resistência em meio às dificuldades diversas.

Os autores destacaram, ainda, que a construção de comunidades educativas “não se sustenta apenas por boas intenções ou ações pontuais, mas por um compromisso contínuo com a transformação das estruturas simbólicas, relacionais e institucionais que sustentam as desigualdades" (Moura *et al.*, 2025, p. 41). Isso demanda a coragem, a valorização da postura crítica frente às questões dominantes no ensino, a valorização do afeto, da escuta e da diversidade e a luta contra a educação bancária, que cultiva a ansiedade, o autoritarismo e o ensino conteudista.

Nas comunidades educativas, as práticas são fundamentadas no diálogo, no respeito mútuo, na valorização de saberes não dominantes, no acolhimento das diversidades e dos afetos. Isso implica, para os autores, “reconfigurar o papel docente, não mais como centro da autoridade, mas como mediador sensível das experiências compartilhadas no coletivo” (Moura *et al.*, 2025, p. 41), e reconhecer que existem brechas de esperança mesmo nos sistemas hegemônicos.

De forma similar, Santos *et al.* (2025) comentaram sobre a necessidade de desconstruir hierarquias tradicionais no ensino para construir comunidades educativas. Isso possibilita que os ambientes de aprendizado sejam acolhedores, estimulem o diálogo e valorizem as experiências de vida. Segundo hooks (2013) a escuta das histórias de vida dos estudantes possibilita, para além da valorização dos indivíduos, a compreensão de que o conhecimento deve estar em diálogo com suas realidades.

A construção de comunidades educativas, percebe-se, está muito relacionada às abordagens amorosas. O amor é um elemento central na pedagogia de Paulo Freire e de bell hooks porque ele é visto como responsabilidade e comprometimento. O amor tem tudo a ver com diálogo, confiança, respeito, acolhimento e escuta, palavras muito citadas por hooks (2021) ao discorrer sobre comunidades educativas. Elas, feitas de e a partir de relações humanas, exigem, para além dos afetos, a coragem, a persistência e o tempo, necessários para toda e qualquer construção harmoniosa. Como formas de resistência, são também lutas diárias contra todo um sistema dominante que mantém desigualdades e segregações, contrários ao significado de comunidade. Entretanto, como bell hooks bem coloca, existem brechas nesses sistemas que podem ser acessadas, e é aí que entra a esperança como guia de todo o supramencionado.

5. Considerações finais

Partindo das reflexões consequentes da leitura da obra de bell hooks e de outros textos secundários, foi possível explorar o conceito de comunidades educativas para ensaiar outros modos de existir, ensinar e aprender em sociedade.

Os resultados do trabalho apontaram para a ideia de que as comunidades educativas são construções de ambientes repletos de afeto e subversão. Acolhedores da diversidade e da vulnerabilidade; que nutrem o pensamento crítico, a esperança, e a luta pela justiça socioambiental; formas de resistência em meio às dificuldades.

Para construir comunidades educativas, notou-se, é necessário sobretudo coragem e amor para cultivar outras relações sociais. Compartilhar afetos, experiências, angústias; criar intimidade. Comprometer-se com o processo, suportando as adversidades. Encontrar brechas no sistema dominante, buscando conexão com as raízes; lutando por justiça socioambiental; acolhendo as diferenças; e constantemente

nutrindo a esperança e resistindo. Nesse caminho, reafirma-se, apenas explicações não bastam, pois as teorias precisam ser de fato contextualizadas e aplicadas.

Construir comunidades educativas, dessa forma, é parte da trajetória em busca de outras formas de existir, ensinar e aprender em sociedade. Formas pautadas na harmonia, não no que remete ao poder. Portanto, os resultados deste ensaio apontaram que as construções de comunidades educativas estão atreladas aos esforços para resistir e lutar por mundos mais justos. Diante das mazelas socioambientais, insiste-se que as relações podem ser outras, e propaga-se a importância de viver em comunidade, dentro e fora das salas de aula, porque "comunidade" é sempre um universo de coisas boas.

6. Principais referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zajar, 2003.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** 6a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática**.** São Paulo: Paz e Terra; 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Riva Sobrado; WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Interculturalidade e intersubjetividade: gênero, orientação sexual, raça e etnia. In: LINHARES, Emelyn; SANTOS, Marlei Angela Ribeiro dos Santos. **Triunfo das cidades? Desigualdades socioambientais no Brasil.** Editora Unoesc. Disponível em: https://www.unoesc.edu.br/wp-content/uploads/2024/08/Interculturalidade-e-Intersubjetividade-v1.pdf#page=175. Acesso em: 01 mai. 2026.

FRUTUOSO, M. F. P. *et al*. Outros modos de ensinar: a experiência de criar comunidade e movimentar o pensamento crítico a partir da curricularização da extensão. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e230159, 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade**.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=comunidade. Acesso em: 28 abr. 2026.

MOURA, D. L. *et al.* Esperançar em comunidade–práticas escolares integradoras e antirracistas à luz da pedagogia crítica de bell hooks. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, v. 23, n. 8, p. e10905-e10905, 2025.

PERUZZO, C. M. K.; VOLPATO, M. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Líbero**, n. 24, p. 139-152, 2016.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896. Acesso em: 23 abr. 2026.

SANTOS, A. N. S. *et al.* Por uma educação do afeto: construindo “comunidades pedagógicas em sala de aula” para transpor o sensível para uma educação transformadora com bell hooks. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, p. e13578-e13578, 2025.

TORRES, K. R.; MASO, T. F. As lutas por justiça socioambiental diante da emergência climática. **Revista Direito e Práxis**, v. 14, n. 01, p. 458-485, 2023.